

GEORGES BATAILLE

História do olho

Tradução

Eliane Robert Moraes

Posfácios

Eliane Robert Moraes

Michel Leiris

Roland Barthes



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1967 by Pauvert, © 2001 by Pauvert Département des Éditions Fayard
Copyright “Du temps de Lord Auch” © <a vir>
Copyright “La Métaphore de l’oeil” © 1964 by Éditions du Seuil

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
Histoire de l’oeil

Capa e foto de capa
Raul Loureiro

Revisão
Jane Pessoa
Clara Diamant

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bataille, Georges, 1897-1962.

História do olho / Georges Bataille ; tradução Eliane Robert Moraes ; posfácios Eliane Robert Moraes ; Michel Leiris ; Roland Barthes. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2018.

Título original: Histoire de l’oeil.
isbn: 978-85-359-3058-0

1. Ficção francesa. I. Moraes, Eliane Robert. II. Leiris, Michel. III. Barthes, Roland. IV. Título.

17-11746

CDD-843

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura francesa 843

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

HISTÓRIA DO OLHO, 7

Um olho sem rosto, Eliane Robert Moraes, 89

Nos tempos de Lord Auch, Michel Leiris, 103

A metáfora do olho, Roland Barthes, 119

HISTÓRIA DO OLHO

O olho de gato

Fui criado sozinho e, até onde me lembro, vivia angustiado pelas coisas do sexo. Tinha quase dezesseis anos quando conheci uma garota da minha idade, Simone, na praia de X. Nossas famílias descobriram um parentesco longínquo e nossas relações logo se precipitaram. Três dias depois do nosso primeiro encontro, Simone e eu estávamos a sós em sua casa de campo. Ela vestia um avental preto e usava uma gola engomada. Comecei a me dar conta de que ela partilhava minha angústia, bem mais forte naquele dia em que parecia estar nua sob o avental.

Suas meias de seda preta subiam acima do joelho. Eu ainda não tinha conseguido vê-la até o cu (esse nome, que eu sempre empregava com Simone, era para mim o mais belo entre os nomes do sexo). Imaginava apenas que, levantando o avental, contemplaria a sua bunda pelada.

Havia no corredor um prato de leite para o gato.

— Os pratos foram feitos para a gente sentar — disse Simone. — Quer apostar que eu me sento no prato?

— Duvido que você se atreva — respondi, ofegante.

Fazia calor. Simone colocou o prato num banquinho, instalou-se à minha frente e, sem desviar dos meus olhos, sentou-se e mergulhou a bunda no leite. Por um momento fiquei imóvel, tremendo, o sangue subindo à cabeça, enquanto ela olhava meu pau se erguer na calça. Deitei-me a seus pés. Ela não se mexia; pela primeira vez, vi sua “carne rosa e negra” banhada em leite branco. Permanecemos imóveis por muito tempo, ambos ruborizados.

De repente, ela se levantou: o leite escorreu por suas coxas até as meias. Enxugou-se com um lenço, por cima da minha cabeça, com um pé no banquinho. Eu esfregava o pau, me remexendo no assoalho. Gozamos no mesmo instante, sem nos tocarmos. Porém, quando sua mãe retornou, sentando-me numa poltrona baixa, aproveitei um momento em que a menina se aninhou nos braços maternos: sem ser visto, levantei o avental e enfiei a mão por entre suas coxas quentes.

Voltei para casa correndo, louco para bater punheta de novo. No dia seguinte, amanheci de olheiras. Simone me olhou de frente, escondeu a cabeça contra o meu ombro e disse: “Não quero mais que você bata punheta sem mim”.

Assim começou entre nós uma relação amorosa tão íntima e tão urgente que raramente passamos uma semana sem nos ver. De certa forma, nunca falamos disso. Percebo que ela tem, na minha presença, sentimentos semelhantes aos meus, difíceis de descrever. Lembro-me de um dia em que passeávamos de carro, em alta velocidade. Atropelei uma ciclista jovem e bela, cujo pescoço quase foi arrancado pelas rodas. Contemplamos a morta por um bom tempo. O horror e o desespero que exalavam aquelas carnes, em parte repugnantes, em parte delicadas, recordam o senti-

mento dos nossos primeiros encontros. Em geral, Simone é uma pessoa simples. É alta e bonita; nada tem de angustiado no olhar ou na voz. Mas é tão ávida por qualquer coisa que perturbe os sentidos, que o menor apelo confere ao seu rosto uma expressão que evoca o sangue, o pavor súbito, o crime, tudo o que arruína definitivamente a beatitude e a consciência tranquila. Vi pela primeira vez essa crispação muda e absoluta — que eu partilhava — no dia em que ela meteu a bunda no prato. Nunca nos olhamos atentamente, a não ser nesses momentos. Nunca estamos calmos, nem brincamos, a não ser durante os breves minutos de relaxamento, depois do orgasmo.

Devo dizer aqui que ficamos muito tempo sem fazer amor. Aproveitávamos as ocasiões para nos entregarmos às nossas brincadeiras. Não que o pudor nos faltasse, pelo contrário, mas uma espécie de mal-estar nos obrigava a desafiá-lo. Assim, mal acabara de me pedir que não batesse punheta sozinho (estávamos no alto de uma falésia), ela me baixou as calças, me fez deitar no chão e, arregaçando o vestido, montou na minha barriga, abandonando-se em cima de mim. Enfiei um dedo molhado de porra no seu cu. Então, ela se deitou com a cabeça debaixo do meu pau e, apoiando os joelhos nos meus ombros, levantou o cu até aproximá-lo da minha cabeça, que se mantinha à sua altura.

— Você pode fazer xixi para cima até o meu cu? — perguntou-me.

— Posso — respondi —, mas o mijo vai escorrer no seu vestido e no seu rosto.

— E daí? — concluiu ela, e eu obedeci; mas nem havia terminado e a inundava de novo, desta vez de porra branca.

Enquanto isso, o cheiro do mar misturava-se ao de rou-

pa molhada, de nossos ventres nus e de porra. A tarde caía e permanecemos naquela posição, imóveis, quando ouvimos passos estalando na grama.

— Não se mexa — suplicou Simone.

Os passos cessaram; não podíamos ver quem se aproximava, seguramos a respiração. O cu de Simone, erguido daquele jeito, parecia na verdade uma poderosa súplica: era perfeito, as nádegas apertadas e delicadas, a rachadura profunda. Eu não duvidava que o desconhecido, ou a desconhecida, logo viesse a sucumbir, entregando-se à mesma nudez. Os passos recomeçaram, quase uma corrida, e vi surgir uma menina encantadora, Marcela, a mais pura e terna de nossas amigas. Estávamos os dois tão rígidos que não podíamos mover nem um dedo, e foi nossa infeliz amiga que de repente caiu na grama soluçando. Só então, já desgarrados um do outro, é que nos lançamos sobre aquele corpo abandonado. Simone levantou sua saia, arrancou a calcinha e me mostrou, arrebatada, um novo cu, tão lindo quanto o seu. Beijei-o raivosamente, bolinando o de Simone, cujas pernas tinham se fechado por trás da estranha Marcela, que nada mais escondia senão os seus soluços.

— Marcela — gritei —, por favor, não chore mais. Quero que você me beije na boca.

Simone, por sua vez, acariciava seus belos cabelos lisos, beijando-a por todo o corpo.

Enquanto isso, o céu ameaçava uma tempestade e, com a noite, grossos pingos de chuva haviam começado a cair, aliviando a tensão de um dia tórrido e sem ar. O mar fazia um barulho enorme, dominado pelos fortes estrondos dos trovões, e os relâmpagos permitiam ver, como à luz do dia, os dois cus excitados das meninas então emudecidas. Um frenesi brutal agitava nossos três corpos. Duas

bocas juvenis disputavam meu cu, meus colhões e meu pau, e eu não parava de abrir pernas úmidas de saliva e porra. Era como se eu quisesse escapar do abraço de um monstro, e esse monstro era a violência de meus movimentos. A chuva quente caía torrencialmente e encharcava nossos corpos. A violência dos trovões nos assustava e aumentava a nossa fúria, arrancando-nos gritos que ficavam mais fortes a cada relâmpago, ante a visão de nossos sexos. Simone havia encontrado uma poça de lama e chafurdava nela: masturbava-se com a terra e gozava, açoitada pelo aguaceiro, minha cabeça espremida entre suas pernas enlameadas, o rosto mergulhado na poça onde ela esfregava o cu de Marcela, a quem abraçava por trás, a mão puxando as coxas e abrindo-as com força.

O armário normando

A partir dessa época, Simone adquiriu a mania de quebrar ovos com o cu. Para isso, colocava a cabeça no assento de uma poltrona, as costas coladas ao espaldar, as pernas dobradas na minha direção enquanto eu batia punheta para esporrar em seu rosto. Só então eu punha o ovo em cima do buraco: ela se deliciava a mexer com ele na rachadura profunda. No momento em que a porra jorrava, as nádegas quebravam o ovo, ela gozava, e eu, mergulhando o rosto no seu cu, me inundava com aquela imundície abundante.

Sua mãe surpreendeu nossa brincadeira, mas aquela mulher tão doce, embora tivesse uma vida exemplar, limitou-se na primeira vez a assistir à brincadeira sem dizer palavra, de modo que nós nem percebemos sua presença: acho que não conseguiu abrir a boca, de tanto pavor. Quando terminamos (correndo para arrumar a desordem), demos com ela de pé no vão da porta.

— Faça de conta que não viu nada — disse Simone, continuando a limpar o cu.

Saímos sem pressa.

Alguns dias depois, enquanto fazia ginástica comigo nas vigas de uma garagem, Simone mijou em cima daquela senhora que, sem se dar conta, havia parado debaixo dela. A velha se desviou, olhando-nos com seus olhos tristes e com um ar tão desamparado que nos incitou a retomar as brincadeiras. Simone caiu na gargalhada, engatinhando, exibindo o cu na minha cara; eu levantei sua saia e comecei a punheta, louco por vê-la nua diante da mãe.

Fazia uma semana que não víamos Marcela quando a reencontramos na rua. Aquela menina loira, tímida e candidamente devota corou de tal maneira que fez Simone beijá-la com uma ternura renovada.

— Desculpe-me — disse-lhe em voz baixa. — O que aconteceu no outro dia foi errado. Mas isso não impede que sejamos amigas agora. Prometo que nunca mais tentaremos tocá-la.

Marcela, que não tinha a mínima força de vontade, aceitou nos acompanhar e tomar lanche na casa de Simone, junto com uns amigos. Mas, em vez de chá, bebemos champanhe a rodo.

Ver Marcela corar nos deixava perturbados; Simone e eu tínhamos certeza de que dali em diante nada nos faria recuar. Além de Marcela, também estavam lá três moças bonitas e dois rapazes; o mais velho dos oito não tinha dezesete anos. A bebida produziu um efeito violento, mas, fora Simone e eu, ninguém atingira o ponto que desejávamos. Um fonógrafo resolveu o problema. Simone, dançando sozinha um ragtime endiabrado, exibiu as pernas até o cu. As outras moças, de pileque, não se negaram a imitá-la quando convidadas. Embora estivessem de calcinhas, essas não ocultavam grande coisa. Só Marcela, inebriada e silenciosa, é que se recusava a dançar.

Simone, que fingia estar completamente embriagada, agarrou uma toalha de mesa e, levantando-a, propôs uma aposta:

— Aposto — disse — que faço xixi nesta toalha na frente de todo mundo.

Aquilo era, em princípio, uma reunião de mocinhos ridículos e tolos. Um dos rapazes desafiou-a. A aposta foi feita sem condições. Simone não vacilou nem um pouco e encharcou a toalha. Mas sua audácia excitou-a até a medula. Tanto que os jovens, enlouquecidos, começaram a perder o pé.

— Já que a aposta é incondicional — disse Simone, com a voz rouca, ao perdedor —, vou tirar suas calças diante de todo mundo.

E o fez sem dificuldade. Uma vez tiradas as calças, Simone despiu-lhe a camisa (para evitar que ficasse ridículo). Nada de grave, porém, havia acontecido: Simone só tinha dado uma passada de mão no pau do colega. Mas ela pensava unicamente em Marcela, que me suplicava que a deixasse ir embora.

— Prometemos que não íamos tocá-la, Marcela, por que você quer ir embora?

— Porque sim — respondeu obstinadamente. Uma cólera pânica apoderava-se dela.

De repente, Simone caiu no chão, para o pavor dos outros. Tomada por uma confusão cada vez mais louca, as roupas em desordem, o cu para o ar, como num ataque de epilepsia, contorcia-se aos pés do rapaz que havia despido e balbuciava palavras sem nexo:

— Mije em cima de mim... mije no meu cu... — repetia com sofreguidão.

Marcela não tirava os olhos; estava vermelha como

sangue. Disse, sem me dirigir o olhar, que queria tirar o vestido. Tirei-o e depois a liberei de suas roupas de baixo; conservou o cinto e as meias. Mal se deixou bolinar e ser beijada na boca por mim, atravessou a sala como uma sonâmbula até chegar a um armário normando em que se trancou (havia murmurado umas palavras no ouvido de Simone).

Ela queria se masturbar dentro do armário e suplicava que a deixássemos só.

É preciso dizer que estávamos todos embriagados e transtornados com a audácia uns dos outros. O rapaz nu estava sendo chupado por uma mocinha. Simone, de pé e com a saia levantada, esfregava as nádegas contra o armário onde se ouvia Marcela masturbar-se, num ofegar violento.

Aconteceu, de repente, uma coisa louca: um ruído de água seguido do aparecimento de um fio de líquido, que começou a escorrer por baixo da porta do móvel. A infeliz Marcela mijava dentro do armário enquanto gozava. A explosão de riso que se seguiu degenerou em uma orgia de corpos no chão, de pernas e cus ao léu, de saias molhadas e de porra. Os risos emergiam como soluços involuntários, interrompendo por instantes a investida sobre os cus e os paus. No entanto, logo depois se ouviu a triste Marcela soluçar sozinha e cada vez mais forte naquele urinol improvisado que lhe servia agora de prisão.

Passada meia hora, já um pouco mais sóbrio, me veio a ideia de ajudar Marcela a sair do armário. A infeliz estava desesperada, tremia e tiritava de febre. Ao me ver, manifestou um pavor doentio. Eu estava pálido, manchado de sangue, vestido de qualquer jeito. Corpos sujos e despidos

jaziam atrás de mim, numa desordem desvairada. Dois de nós estavam sangrando, cortados por cacos de vidro; uma moça vomitava; nossos ataques de riso haviam sido tão violentos que alguns tinham molhado as roupas, e outros, as poltronas ou o chão; a consequência era um cheiro de sangue, de esperma, de urina e de vômito que faria qualquer um recuar de horror, mas o que me assustou ainda mais foi o grito que irrompeu na garganta de Marcela. Devo dizer que Simone dormia de barriga para o ar, as mãos nos penelhos, o rosto sereno.

Marcela, que saltara do armário cambaleante e soltando grunhidos informes, ao olhar-me de novo, recuou como se deparasse a morte; tombou no chão e deixou escapar uma ladainha de gritos inumanos.

Coisa estranha, esses gritos me devolveram o ânimo. Alguém iria aparecer, era inevitável. Não pensei em fugir, nem tentei diminuir o escândalo. Pelo contrário, fui abrir a porta: espetáculo e gozo inauditos! Imaginem as exclamações, os gritos, as ameaças desproporcionadas dos pais ao entrarem no quarto: o tribunal, a prisão, a forca foram evocados com berros incendiários e maldições exasperadas. Nossos próprios amigos passaram a gritar, até explodirem num desvario de berros e lágrimas: parecia que tinham pegado fogo, como se fossem tochas.

Ainda assim, que atrocidade! Parecia que nada poderia pôr fim ao delírio tragicômico daqueles loucos. Marcela, ainda nua, não parava de gesticular, traduzindo em gritos um sofrimento moral e um pavor impossíveis; nós a vimos morder a mãe no rosto, entre os braços que tentavam, em vão, dominá-la.

O súbito aparecimento dos pais destruiu o que lhe restava de razão. Foi preciso recorrer à polícia. O bairro inteiro testemunhou o escândalo inusitado.

O cheiro de Marcela

Meus pais não haviam dado sinal de vida. Mesmo assim, achei mais prudente escapulir, prevenido a cólera de um velho pai, o tipo perfeito do general caquético e católico. Regressei a casa pela porta de trás, a fim de roubar uma soma suficiente de dinheiro. Certo de que aquele era o único lugar onde não me procurariam, tomei banho no quarto do meu pai. Cheguei ao campo às dez da noite, tendo deixado um bilhete para minha mãe em cima da mesa:

Por favor, não mande a polícia atrás de mim. Levo comigo um revólver. A primeira bala será para o policial, a segunda para mim.

Nunca procurei tomar o que se chama “uma atitude”. Queria apenas chocar minha família, inimiga irredutível dos escândalos. Mesmo assim, tendo escrito o bilhete levianamente e me divertindo com ele, não achei má ideia colocar no bolso o revólver do meu pai.